



CARMEN SOUZA
carmensouza.df@dabr.com.br

PRETOS NO TOPO



A universidade que quer deixar de existir

Universidade Zumbi dos Palmares/Divulgação

Prestes a completar 20 anos, a Universidade Zumbi dos Palmares, primeira instituição de ensino superior voltada para a inclusão de pessoas negras na América Latina, lançou, recentemente, uma campanha baseada em um desejo inusitado: o de fechar as portas o quanto antes. Em entrevista à coluna, o reitor José Vicente, um dos idealizadores da iniciativa, explica por que um centro comunitário responsável pela formação de mais de 2,5 mil alunos em cursos de graduação e pós-graduação precisa desaparecer. “Se isso acontecer, nossa missão foi cumprida”, afirma.

Por que a Universidade Zumbi dos Palmares planeja encerrar as atividades?

O raciocínio é de que o nosso propósito é combater o racismo, a discriminação, a intolerância. É sobretudo combater as exclusões e as desigualdades promovidas pelo racismo e pela intolerância. E que, por conta disso, nossa missão vai deixar de existir assim que essas questões também deixarem de existir no nosso país. Queremos que o jovem negro e a jovem negra possam circular livremente por todos os espaços sociais, sem qualquer limitação, sem qualquer constrangimento em decorrência do seu pertencimento racial e da cor da sua pele. Se isso acontecer, nossa missão foi cumprida.

Como os alunos reagiram à campanha?

A grande maioria achou a ideia bastante criativa e muito esclarecedora sobre os propósitos e a missão. Também gostaram bastante de verem destacadas as suas raízes.

Vocês imaginam um prazo para que a universidade deixe de existir?

O prazo, a meta para a instituição deixar de existir, será quando for alcançado a igualdade racial no Brasil, quando o racismo deixar de existir. Talvez, nos próximos 200 anos.



Queremos que o jovem negro e a jovem negra possam circular livremente por todos os espaços sociais, sem qualquer limitação, sem qualquer constrangimento (...) Se isso acontecer, nossa missão foi cumprida”

O que ficaria de legado?

Ficaria um mundo de perfeição, um mundo de fraternidade, um mundo de igualdade, aquele desejado desde Martin Luther King, Nelson Mandela e tantas outras pessoas de bem. Ficaria também o conhecimento que produzimos nesses quase 20 anos. Acabamos entregando para a sociedade paulista e brasileira, para negros e brancos, um caminho alternativo, diferenciado, de valorizar a diferença, a diversidade, a historicidade. Trilhamos um caminho de pertencimento de parte dos brasileiros, pois esse país, em regra, nunca acatou nossas referências, nossos destaques, nossos valores. Estamos colocando o negro do lado de dentro da República.

A campanha é lançada em um ano-chave para as questões da representatividade negra no ensino superior, no ano de revisão da lei das cotas. De que forma essa ideia de Palmares dialoga com isso?

No sentido de fortalecimento desse propósito, de aprofundamento da nossa convicção de que não precisamos de cotas. Nós precisamos de mudança, de transformação, de evolução até que um dia sejam desnecessárias as próprias cotas. Elas são importantes, ajudaram no princípio da mudança, mas elas não dão conta das transformações que são exigidas para que a gente alcance os pressupostos de igualdade, que valorizam a dignidade da pessoa humana. Por exemplo, temos cotas para negros nos bancos escolares, mas não temos a presença do negro entre os professores das universidades, entre os gestores, entre os pesquisadores. Então, elas não resolvem o problema da estrutura, da falta de um estudo superior que valorize a diversidade, a pluralidade, a diferença, que contemple todas as manifestações culturais desse país. Até hoje, continuamos com seis reitores negros para as mais de 300 universidades públicas. É uma dimensão de que só com cotas a gente não dá conta de certas questões estruturais